

O emprego está aqui

(Vanessa Jacinto)

Com aquecimento do setor têxtil e de confecções, meta é saltar dos atuais 160 mil para 200 mil postos diretos de trabalho até o fim do ano



Antes mesmo de concluir curso técnico de gerente de produção para confecção, Raquel Regina montou o próprio negócio e já contratou cinco funcionárias. No detalhe, aula prática do curso de confecção de vestuário

Raquel Regina David, de 22 anos, não cabe em si de tanto contentamento. Antes mesmo de concluir o curso técnico de gerente de produção para confecção, o Modatec, oferecido pelo Senai Minas, ela montou o próprio negócio e acaba de contratar quatro costureiras e uma passadeira. Dado o volume de clientes, a esperança dela é ampliar, brevemente, o quadro de funcionários.

A mesma situação vivida por Raquel se reflete em todo o estado, com o aquecimento do setor têxtil e, conseqüentemente, de confecções. Como Minas concentra vários polos de moda, a expectativa de crescimento é de 20% este ano, alavancando as contratações e a geração de emprego.

Michel Aburachid, presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário (Sindvest) de Minas Gerais, afirma que a meta é saltar dos atuais 160 mil empregos diretos para 200 mil postos de trabalho até o fim do ano. Fora os cerca de 60 mil indiretos. Uma meta que vem respaldada pelo crescente foco na moda que se faz no estado. Com a participação em feiras dentro e fora do país, os empreendedores vêm conquistando visibilidade, perspectivas de novos negócios e a formalização de uma série de contratos.

Outro fator decisivo para gerar a onda de otimismo foi a retomada do crescimento por parte das indústrias, logo depois do período de turbulência econômica global. Segundo Aburachid, as demandas crescentes por uniformes estão ajudando a impulsionar a engrenagem dos empreendimentos ligados ao vestuário e, sem dúvida, elevando o número de vagas.

“O nicho de uniformes foi o que mais cresceu no fim de 2009 e início deste ano. Todos os dias chegam pedidos das empresas e as confecções estão tendo que acelerar as contratações para atender tanta demanda”, observa o presidente.

Ricardo Antônio Ferreira Couto, gerente administrativo e financeiro da Citerol, uma empresa especializada na fabricação de uniformes, também está otimista. Segundo ele, os negócios vão muito bem e a empresa vem ampliando seu mercado consumidor, com demanda, inclusive, de outros estados, como Tocantins e Maranhão.

Com a perspectiva de ampliar a fábrica e aumentar a capacidade produtiva em cerca de 20%, a empresa terá que ampliar o quadro de funcionários em 30% até o fim do ano. “Sem dúvida, estamos num momento bastante favorável, que vai se traduzir na geração de empregos”, ressalta.

Especialistas, como o consultor Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas, concordam com a boa fase. Segundo ele, a nova pirâmide social, com expansão da classe C, impacta fortemente no consumo do vestuário, trazendo conseqüências importantes para o mercado de trabalho.